

Márcio Jarek<sup>1</sup>

## Tarefa infinita: Walter Benjamin e a relação entre linguagem e vida

**Resumo:** Este trabalho visa apresentar uma detalhada análise do primeiro trabalho mais consistente de crítica literária elaborado por Walter Benjamin e, por meio desta apresentar, igualmente, a gênese da compreensão do papel da linguagem na tarefa de “dar forma” à vida. Mais precisamente procuramos apresentar o imbricamento entre crítica, linguagem e vida relacionados ao conceito de tarefa (*Aufgabe*) que aparece no escrito *Dois poemas de Friedrich Hölderlin*, publicado em 1915. Esse decisivo trabalho traz uma sofisticada gama de influências que vão do pensamento de Søren Kierkegaard até alguns elementos vitalistas do pensamento neokantiano, passando pelo Romantismo e pela tradição judaica e constitui uma excêntrica formulação crítica acerca das relações entre vida e linguagem. Formulação esta que será, posteriormente, indispensável para a constituição das reconhecidas teorias benjaminianas sobre a linguagem, a crítica e a tradução.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin; vida; tarefa; linguagem; crítica.

**Abstract:** This paper presents a detailed analysis of the first most consistent work of literary criticism written by Walter Benjamin and hereby presents also the genesis of the understanding of the role of language in the task of "shaping" life. More precisely we try to present the interweaving between criticism, language and life related to the concept of task (*Aufgabe*) that appears in the writing *Two poems of Friedrich Hölderlin* published in 1915. This decisive work brings a sophisticated range of influences ranging from the thought of Søren Kierkegaard to some vitalist elements of Neo-Kantian thought, through Romanticism and Jewish tradition, and constitutes an eccentric critical formulation about the relationships between life and language. This formulation will later be indispensable for the constitution of the recognized Benjaminian theories on language, criticism and translation.

**Key-words:** Walter Benjamin; life; task; language; criticism.

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela PUC-Rio, professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. E-mail para contato: m.jarek@hotmail.com.

## Introdução

De 1915 a 1922, um conceito de crítica atrelado a uma concepção original sobre a vida passa a tomar um lugar mais marcante na filosofia de Walter Benjamin. Neste trabalho, essa constatação servirá de base para a avaliação da origem de um conceito de crítica e de uma concepção de linguagem, que já se apresentavam em fase embrionária nos escritos de juventude de Benjamin, sobretudo nos trabalhos “Experiência”, “Diálogo sobre a religiosidade do presente” e “Vida dos estudantes”. Esses trabalhos dialogavam intensamente com as filosofias da vida que existiam na época, algo que agora nos escritos sobre linguagem e crítica parece seguir um processo muito peculiar de amadurecimento ao receber influências mais elaboradas e complexas, seja via leituras do romantismo alemão e de Goethe, seja via um traço (agora mais confortável) de compreensão e utilização dos recursos teóricos do judaísmo. Desse contexto, escolhemos inicialmente, como parte de um empreendimento mais abrangente de investigação sobre a gênese de seu conceito de crítica, compreender o papel do recorrente conceito de tarefa (*Aufgabe*) nos trabalhos desse período, para então destacar a relação deste com a compreensão de Benjamin sobre os vínculos entre linguagem e vida.

Tentaremos apresentá-lo, em linhas gerais, tendo como intenção captar o desenvolvimento de certa noção relativa ao assunto vida e tomaremos como ponto central a análise do complexo trabalho “Dois poemas de Friedrich Hölderlin” (1915)<sup>2</sup>. Utilizando em nossa investigação a análise dessa obra, temos como objetivos que se complementam: a) mostrar como Benjamin se apropria de aparatos conceituais e teóricos sobre a vida que têm sua origem em autores das tradições romântica e neokantiana; b) identificar a gênese da construção de uma teoria original sobre a irreducibilidade da vida.

---

<sup>2</sup> A fim de ter uma maior precisão em relação aos termos utilizados por Walter Benjamin nesse trabalho, nos valem de constantes comparações e confrontações entre o texto original em alemão (*Zwei Gedichte von Friedrich Hölderlin*) e a sua tradução brasileira para a língua portuguesa. O texto em alemão encontra-se no volume II da coletânea de obras de Walter Benjamin (*Gesammelte Schriften*) organizada por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhauser. O texto em português, de onde foram tiradas a maioria das citações, pode ser encontrado na coletânea *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*, organizada e apresentada por Jeanne Marie Gagnebin.

## A tarefa (infinita) da vida

Nossa proposta de investigação, toma como objeto principal os conceitos derivados da análise do trabalho “Dois poemas de Friedrich Hölderlin”, que foi elaborado por Benjamin entre os anos de 1914 e 1915. O ensaio trata efetivamente, como o título anuncia, da atividade de avaliação de dois poemas (intitulados “Coragem de poeta” e “Timidez”) de Friedrich Hölderlin (1770-1843) e é o primeiro trabalho sistemático de crítica literária elaborado por Walter Benjamin<sup>3</sup>.

O que chama a atenção logo no início do escrito sobre Hölderlin é a apropriação e o emprego por Benjamin do conceito de tarefa (*Aufgabe*). Especificamente, o que se destaca nesse trabalho é a afirmação de Benjamin de que a “ideia de tarefa é sempre a vida”<sup>4</sup>. Constatamos que tal conceito já havia sido empregado de modo decisivo em trabalhos anteriores, como “A vida dos estudantes”, quando da “convocação” dos estudantes a reavaliarem suas vidas como sendo “tarefa crítica e histórica”<sup>5</sup> e que então passou a figurar como terminologia recorrente<sup>6</sup> em vários dos seus trabalhos posteriores até seus últimos escritos. Nos trabalhos que aqui selecionamos para avaliação, o conceito “tarefa” aparece, em muitos casos, como uma espécie de chamada introdutória de caráter epistemológico. Como forma de definição inicial de um procedimento de pesquisa para, então, a realização de adequada sequência de apresentação dos argumentos no trabalho. Nesse sentido indagamos se a ideia de vida, enquanto uma tarefa, não traz para Benjamin também uma série de questionamentos de caráter epistemológico que sua teoria da linguagem e seu conceito de crítica tentam tratar.

No início de “Dois poemas de Hölderlin”, Benjamin utiliza o conceito de tarefa diversas vezes e com acentos bem precisos e fundamentais para sua análise. Vejamos:

<sup>3</sup> O trabalho ganhou destaque por ter sido realizado logo na sequência à publicação das obras completas do poeta romântico em 1914. Tal publicação, organizada por Norbert von Hellingrath, serviu para resgatar e atualizar o interesse pelo literato entre o público da Alemanha (ao exemplo de Stefan George, Rainer Maria Rilke e Martin Heidegger), no período da guerra de 1914-1918. Cf. BAIGORRIA, Miguel. Cripto-populismo: Benjamin, Hölderlin, y los “días de agosto”. *Exlibris*, Revista do Departamento de Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, ano 1, n. 1, 2012, p. 196. Disponível em: <<http://www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/exlibris/archivo/1/investigacion/investigacion1.pdf>>.

Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011, p. 12.

<sup>5</sup> Idem. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

<sup>6</sup> A título de exemplo, Benjamin destaca a “tarefa da teoria da linguagem”, no ensaio *Sobre a linguagem geral...*; a “tarefa da filosofia”, no “Programa da filosofia futura”; a “tarefa filosófica de uma história dos problemas”, em sua tese *Sobre o conceito de crítica de arte...*; “A tarefa do tradutor”, na apresentação homônima para sua tradução de Baudelaire; a “tarefa do poeta”, em sua análise das *Afinidades eletivas* de Goethe; ou, ainda, a “tarefa da crítica da violência” e, até mesmo, a crítica de uma “tarefa do herói”, em suas avaliações sobre a presença do mito na atualidade.

A *tarefa* que o presente estudo se propõe não se deixa enquadrar na estética da arte poética sem alguma explicação (...) Trata-se de estabelecer a *tarefa poética* como condição para uma avaliação do poema. A avaliação não pode se guiar pela forma como o poeta resolveu sua *tarefa*; ao contrário, é a seriedade e a grandeza da *tarefa* mesma a determinar a avaliação. Pois essa *tarefa* é derivada do próprio poema (...) Essa *tarefa*, essa condição, deve ser entendida aqui como o fundamento último acessível a uma análise (...) Essa *tarefa* é simultaneamente, produto e objeto do presente estudo.<sup>7</sup>

Nessa passagem, a noção de tarefa parece apontar para, pelo menos, três perspectivas distintas de significado, a saber, em primeiro momento, a ideia de tarefa como incumbência *dada* a si mesmo enquanto pesquisador para a resolução de um estudo, no caso, sobre poemas de Hölderlin; em segundo lugar, a própria atividade artística criativa do poeta em questão é compreendida como tarefa; e, por fim, a tarefa enquanto “*produto e objeto*” do estudo, enquanto fundamento último do poema. A explicação para a diversidade de empregos do conceito de tarefa por parte de Benjamin deriva, sobretudo, da riqueza de significados que o termo *Aufgabe* tem na língua alemã. Susana Kampff Lages, em uma nota de tradução sobre esse conceito nos escritos de Benjamin (que achamos prudente reproduzir integralmente aqui) explica que:

(...) o verbo *aufgeben*, do qual provém o substantivo *Aufgabe*, significa “entregar”, no duplo sentido do termo: “dar” (*geben*) algo a alguém para que cuide disso (por exemplo, entregar uma carta ao correio), mas também dar algo a alguém, abrindo mão da posse do objeto (por exemplo, entregar uma cidade ao inimigo). A segunda acepção é mais forte no uso intransitivo do verbo: *ich gebe auf* – “renuncio”, “desisto”, “me entrego”. Essa ambivalência está presente no substantivo *Aufgabe*, entendido como “proposta”, “tarefa”, “problema a ser resolvido”, mas no qual ressoam também as ideias de “renúncia” e “desistência”.<sup>8</sup>

O entendimento de tarefa em sua ambivalência de significados, ora como “proposta” ou “problema a ser resolvido”, ora como “desistência” ou “renúncia”, nos auxilia a compreender também a particular apropriação terminológica das leituras que Benjamin realizou na década de 1910. Para a teologia judaica, que Benjamin estudava inicialmente via Martin Buber (1878-1965) e depois a partir do começo da amizade com Gershom Scholem (que, conforme relatos de correspondências da época, conheceram-se em 1913 e, a partir de 1915, passaram a se encontrar e a trocar regularmente inúmeras cartas até a morte de Benjamin em 1940), a noção de tarefa

<sup>7</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 13-14, grifos nossos.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 101. Cf. Nota de tradução de Susana Kampff Lages. A ambivalência de significados do termo *Aufgabe* também é tratada em termos muito próximos pelo filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) no ensaio “Torres de Babel”, publicado em seu livro *Psyché*, de 1987. Cabe mencionar que o ensaio traz como seu objeto principal de reflexão a análise do trabalho de Benjamin sobre “A tarefa do tradutor”.

está atrelada à ideia de *dom* ou *dádiva* (*Gabe*) divina que os homens recebem enquanto suas próprias vidas. Ou seja, a possibilidade de, ao longo de minha vida, realizar algo que resultou unicamente de meu escolher e que, por consequência, acaba se tornando minha tarefa, minha “missão”. Uma *tarefa* que, quando assumida, afasta minha vida do mero determinismo exigido pela natureza e insere as minhas realizações no campo da responsabilidade e, no caso, da religião.

Por sua vez, em Kierkegaard, que com seu decisionismo existencial despertou muito a atenção do jovem Benjamin, podemos encontrar uma definição muito próxima daquela utilizada pelo judaísmo para o conceito de tarefa. E desta vez, com uma visão muito mais contundente entre a relação da tarefa com a vida. Para o pensador dinamarquês, em *O conceito de ironia* (1840) e *Enten-eller* (1843), obras lidas por Benjamin entre 1912 e 1915, a noção de tarefa aparece como marca fundamental no processo de escolha pela vida ética, pela moralidade, em detrimento da vida estética ou imediata. Kierkegaard afirma que a vida pode caminhar, a partir das escolhas que realizamos, entre o “*Gabe*” (Dom ou dádiva) e o “*Aufgabe*” (Tarefa). A vida, assim, é dom ou dádiva, mas, também, tarefa ou missão. No existencialismo de Kierkegaard, podemos encontrar a formulação segundo a qual:

(...) o indivíduo escolhe a si mesmo de muitos modos como uma objetividade determinada. Essa objetividade é a realidade do indivíduo; mas como escolhe segundo a liberdade, se pode também dizer que é sua possibilidade, ou, para não empregar uma expressão tão estética, que é sua *tarefa* (...) aquele que vive eticamente vê *tarefas* por todas as partes.<sup>9</sup>

Na perspectiva de Kierkegaard, que mescla o cristianismo, o idealismo e o romantismo burguês da segunda metade do século XIX<sup>10</sup>, o indivíduo livre vê a vida como possibilidade e a assume como sua tarefa. Dessa maneira expressa soberania sobre si mesmo, sobre sua vida, e o faz “cumprir o dever” de viver eticamente. Assumir a tarefa é assumir também a sua condição de liberdade (por meio da “sagrada” possibilidade de escolher) como dádiva ou dom que o possibilita a missão de aproximar-se de Deus e da etapa da vida, denominada, por ele, como “religiosa”.

Considerando essas influências e retomando o emprego do termo tarefa por Benjamin, temos a observação do pensador de que analisar a obra de um artista é analisar também a vida desse autor como uma tarefa assumida, cujo produto é sua solução. Não lhe interessa a vida do autor enquanto aspecto

<sup>9</sup> KIERKEGAARD, Søren. *Estética y ética en la formación de la personalidad*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1955, p. 131. Livro tradução nossa.

<sup>10</sup> Como Benjamin mais tarde avaliará a obra de Kierkegaard no contexto da resenha da tese de T. Adorno, em *Kierkegaard: o fim do idealismo filosófico* (1933).

unicamente biográfico e a compreensão da influência desta na sua criação artística, mas sim a análise da obra enquanto a solução, a dádiva (“divina”) daquele criador que assumiu a vida como tarefa ética, como “dever” quase “religioso”. Destaca Benjamin que a tarefa “há de ser entendida [...] como condição da poesia, como estrutura intelectual-intuitiva daquele mundo [e vida] de que o poema dá testemunho”.

Em outro campo, mas em semelhante relação com essa noção de tarefa e de moralidade encontra-se o pensamento de Kant e, mesmo, o dos pensadores neokantianos (com os quais Benjamin teve aulas em sua formação universitária). Principalmente na obra kantiana *Crítica da razão prática* (1788) encontramos a noção de tarefa, enquanto “problema que é proposto à resolução”. O pesquisador Howard Caygill<sup>11</sup> argumenta que, nessa perspectiva, uma “tarefa” se coloca na tensão existente entre uma condição humana finita, uma “razão prática finita” e a lei moral, expressa pelo imperativo categórico do dever, com validade universal, que nos coloca na busca (interminável) de uma vontade que adota como modelo a santidade. O que parece chamar a atenção de Benjamin, nesse aspecto, é a única exceção que Kant estabelece para a finitude da experiência humana (conceito muito caro ao empreendimento crítico benjaminiano) quando no contexto da moralidade. Para o sistema crítico kantiano, a experiência (como elemento fundamental do conhecimento) limita seu âmbito às aparências ou às percepções de uma intuição estritamente finita; no entanto, quando diz respeito à filosofia prática, ao uso da razão prática no estabelecimento da moralidade, a experiência moral pode buscar a infinitude de uma vontade santa e incluir a fé<sup>12</sup>. Nesse sentido, a tarefa da razão em Kant torna-se uma “tarefa infinita” (*unendlichen Aufgabe*). As pesquisadoras Tamara Tagliacozzo (2003) e Florencia Abadi (2013) destacam que o interesse de Benjamin pelo conceito kantiano de “tarefa infinita” não se situa apenas no campo da moralidade: pode-se identificar a mesma noção na relação da razão com o *noumenon* (no contexto das antinomias da razão na dialética transcendental), na filosofia do direito e, principalmente, na filosofia da história, que remete à ideia de uma tarefa infinita enquanto luta de um sujeito supraindividual que se dirige ao futuro no qual vigora o direito interestatal e a paz perpétua. O conceito de tarefa infinita foi o objeto de pesquisa de doutorado que Benjamin pretendia apresentar em 1917, mas que foi abandonado e do qual restaram apenas alguns fragmentos.

<sup>11</sup> Cf. CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 192.

<sup>12</sup> Loc. cit.

## Da tarefa ao poetificado

Retomando nossa leitura do escrito de Benjamin sobre os poemas de Hölderlin podemos destacar, agora com melhor detalhamento, a noção de tarefa e os seus desdobramentos e influências na ideia de vida<sup>13</sup>. Ao destacar que a “ideia de tarefa é sempre a vida”, Benjamin tenta estabelecer as “unidades funcionais” da vida no processo de criação poética e que, por sua vez, possibilitariam o reconhecimento do “teor” (*Gehalt*) estético da “forma-interna” de uma obra. Para ele, a ideia de tarefa, na atividade poética, configura-se como um conceito-limite, um limiar, algo que se situa sempre entre dois outros conceitos, a saber, entre a forma e a matéria, entre a reflexão intelectual e a intuição sensível ou ainda, arriscaríamos dizer, entre as formas que a vida pode assumir e a própria vida. Benjamin atesta essa posição afirmando que, à ideia de tarefa corresponde sempre uma ideia de solução que na vida do artista é a sua obra (*idem*).

Em outros momentos do trabalho sobre Hölderlin, o termo tarefa é substituído pelo neologismo “poetificado” (*das Gedichtete*)<sup>14</sup> que foi criado por Benjamin a partir da substantivação do particípio passado do verbo *dichten* (do latim *dictare*, “dizer com intensidade”). O “poetificado” serve para designar a própria vida que está na origem do poema e que, de certo modo, já existia antes dele e que nele se realiza<sup>15</sup>. Para Benjamin, como conceito-limite, esse “poetificado”, ou essa “tarefa”, é a única coisa que pode ser constatada em uma avaliação estética de um poema.

<sup>13</sup> Cabe destacar, ainda, que os conceitos de “tarefa infinita” (*unendlichen Aufgabe*) e “tarefa” (*Aufgabe*) aparecem, respectivamente, nas leituras que Benjamin realizava das obras de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e de Friedrich von Hardenberg Novalis (1772-1801). Referências aos dois autores podem ser encontradas em diversos escritos benjaminianos das décadas de 1910 e 1920 e se configuram no objeto central de estudo na tese de doutorado *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, apresentada na Universidade de Berna, em 1919. Especificamente em Fichte, na obra *O conceito da doutrina-da-ciência* (1794), encontra-se a definição da filosofia como tarefa infinita. Ele escreve que “as tarefas propriamente ditas do espírito humano são, sem dúvida, tanto segundo seu número quanto segundo sua extensão, infinitas” (*Fichte e Schelling - Escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 25). E, por sua vez, em Novalis, na fragmentária obra intitulada *Pólen* (1802), que foi muito citada por Benjamin em seus trabalhos, destaca-se a noção de “tarefas do pensamento” que pretendiam, seguindo os passos de Kant e Fichte, realizar uma “aproximação finita do infinito”. Destaca-se, também, em Novalis (*Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. São Paulo: Iluminuras, 1988, p. 133-166), a noção de fragmento como tarefa (A raiz *Frag*, em alemão, indica o perguntar).

<sup>14</sup> A pesquisadora italiana Tamara Tagliacozzo, em *Esperienza e compito infinito nella filosofia del primo Benjamin* (Roma: Quodlibet, 2003), defende que a noção de “poetificado” como conceito-limite, como tarefa poética e *a priori* ideal e metodológico do poema que o “comentário estético” ou a crítica a que Benjamin se propõe realizar em relação aos poemas de Hölderlin, tem sua origem específica na influência que o pensamento neokantiano exerceu nesse momento. Para ela, “parece central o conceito neokantiano de ‘tarefa’ (*Aufgabe*). Isso tem, no sistema da filosofia de Hermann Cohen, o significado de ideia regulativa da finalidade, que constitui a tarefa da lógica como de ideia de sistema, a tarefa da ética como ideia da liberdade e, na *Estética do sentimento puro* (1912), põe à arte uma tarefa ideal como ideia da finalidade estética” (p. 132).

<sup>15</sup> Cf. nota de tradução de Susana Kampff Lages citada anteriormente.

O “poetificado” revela-se, pois, como passagem da unidade funcional da vida para o poema. No “poetificado”, a vida se determina através do poema; a tarefa, através da solução. Não é a atmosfera da vida individual do artista que está na base, mas sim um conjunto de *relações vitais* determinado pela arte.<sup>16</sup>

É o “poetificado” que vai servir para a realização do que Benjamin chamava de “leitura imanente” de uma obra e que, por sua vez, servirá para a realização de um apropriado “comentário estético” da vida presente no poema. É o “poetificado” que contém a “verdade” da obra poética. Pois, conforme Benjamin, a análise de uma obra a partir apenas da vida do autor (como aquela realizada por Gundolf<sup>17</sup> em relação à obra de Goethe) ou apenas em relação à sua construção material e intelectual literária (como a executada pela filologia de sua época) facilmente pode incorrer em erro ao considerar critérios heterônomos de avaliação e desconsiderar, assim, a *grandeza* da “tarefa poética” e das “relações vitais” presentes em seu teor.

A vida é, em geral, o “poetificado” dos poemas – assim se poderia dizer; no entanto, quanto mais diretamente o poeta procura converter a unidade da vida em unidade artística sem transformá-la, mais ele se revela inepto. Estamos acostumados a ver essa inépcia defendida, e mesmo reivindicada, como “sentimento imediato da vida”, “calor humano”, “sensibilidade”.<sup>18</sup>

Destaca Marc Berdet<sup>19</sup> que para Benjamin as tentativas de estabelecer uma unidade *imediate* entre vida e poesia, ou, o que é pior, considerar que a análise desta também consiga estabelecer essa relação, acabam esbarrando em conceituações (como “sentimento imediato da vida”, “calor humano” ou “sensibilidade”) que esmagam com uma “mitologia externa” o “mito interno” (enredo) sobre o qual o poema (ou sua crítica) poderia ter melhor desenvolvimento. Benjamin identifica, na diferenciação que realiza entre os dois poemas de Hölderlin, oposições entre a compreensão pelo autor das limitações da “tarefa poética” (e de sua decorrente “tarefa crítica”) em relação à vida e o peso mitológico que pode inundar a compreensão da unidade interna de algumas obras. Para ele, o primeiro poema, chamado “Coragem do poeta” (*Dichtermut*), “se encontra penetrado pelo mitológico”<sup>20</sup>, enquanto, por sua vez, o segundo poema, intitulado “Timidez” (*Blodigkeit*), representa “um conceito de vida não

<sup>16</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 16, com grifos nossos.

<sup>17</sup> Friedrich Gundolf (1880-1931) reconhecido poeta e crítico literário do período da República de Weimar. No ano de 1916 publicou um dos mais difundidos estudos sobre a obra de Goethe.

<sup>18</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 16-17.

<sup>19</sup> BERDET, Marc. *Walter Benjamin: la passion dialectique*. Paris: Armand Colin, 2014, p. 53.

<sup>20</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 24.

mítico e desprovido de destino”<sup>21</sup>. Na análise de Benjamin, pode-se identificar que o primeiro poema sofre de “convencionalismo e de vitalidade mal desenvolvida” que permeia o poema por sentimentalismo através da utilização de caracteres mitológicos gregos e seus derivados arquétipos da morte e do destino do poeta. Já o segundo poema se beneficia de intensidade plástica que testemunha a atmosfera do poeta face ao perigo da agilidade de uma “vida espiritual” em que a fluidez interna vence a estrutura mitológica. Essa transformação pode ser observada na substituição, ou redução, da relação do poeta com o gênio pela relação do poeta com o povo.

Particularmente perceptível nessas palavras [do segundo poema] torna-se a renúncia do gênio em sua soberania. Pois o poeta – e com ele o povo – encontra-se completamente transportado para o círculo do canto, e a conclusão é de novo uma unidade plana do povo com seu cantor (no destino poético) (...) A ele [o povo] corresponde uma outra concepção de vida: “Portanto, meu Gênio! Caminha somente/Nu vida adentro e não te preocupes!”. Aqui a “vida” se situa fora da existência poética; nessa nova versão, ela não é pressuposto, mas objeto de um movimento realizado com poderosa liberdade: o poeta *entra dentro da vida*, ele não *parte de dentro* dela.<sup>22</sup>

Para Benjamin, o artista transforma a vida (“entra dentro dela”) ao tentar expressá-la e acaba, com isso, expressando outra coisa que se assemelha a ela e que não é mais a vida mesma. O que o artista expressa sobre a vida é tão somente “o poetificado”, a tarefa realizada pelo poeta. O conceito de tarefa poética, de “dizer com intensidade” algo da vida que pode se tentar expressar, o seu “poetificado”, configura a esfera de relação possível entre a obra de arte, a linguagem e a vida. Logo,

a análise das grandes obras poéticas irá encontrar certamente não o mito [enquanto enredo], mas sim uma unidade [funcional] gerada pela violência dos elementos míticos que lutam entre si, a qual será a genuína expressão da vida.<sup>23</sup>

Essa “genuína expressão da vida” é o resultado do “poetificado”, da tarefa do poeta ao se deparar com a vida e a “violência” dos “elementos míticos” nela presente (elementos da natureza, da vida natural, ou ainda, da “mera vida”<sup>24</sup> ousamos dizer). Benjamin ressalta também que uma unidade plena entre a vida e a obra de arte (em seus termos: a explicitação de um “poetificado” puro, que possa ser reconhecido como um *a priori* do poema) deve permanecer como meta ideal unicamente metodológica.

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 34-35, com inserções nossas.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>24</sup> Termo e concepção que exploraremos melhor na próxima seção.

Deve permanecer como uma *tarefa absoluta (der absoluten Aufgabe)*<sup>25</sup> a ser sempre realizada pelo artista. Do contrário, o “poetificado” perde sua característica limiar (mediadora) e acaba se tornando então somente a vida (a expressão apenas mítica de um sentimento imediato da vida) ou somente o poema (somente enredo, ficção em relação à vida).

O “poetificado” é, então, a passagem (possível) da vida para o poema. O poeta, em sua poesia, não pode apresentar sobre a vida nada além do que não possa ser expresso, do que não pode ser dito, nada além do seu “poetificado”. Qualquer formulação que almeje superar essa “limitação do poetificado” em relação à vida cairá nas amarras do mítico. Logo, a “tarefa do crítico”, parece ser a de averiguar esses limites e constatar a “grandeza do poetificado” na obra, evitando, desse modo, qualquer “empatia” com uma visão mítica sobre a obra e, por conseguinte, sobre a vida. A “tarefa do crítico” consistiria, então, em analisar o movimento da vida no processo dialético da consciência e da expressão do “poetificado”<sup>26</sup>. Enfatiza-se que não se trata de descobrir a vida em sua presença imediata e informe, mas, sobretudo, de seguir o seu movimento até a compreensão desta como uma unidade formal, como “configuração plástica” da linguagem. Ou seja, para Benjamin a análise de uma obra não pode se satisfazer com a tentativa de uma apresentação *imediata* e material da vida, mas deve acompanhar a sua construção *mediada* e formal na linguagem.

A noção de “poetificado”, enquanto unidade possível entre vida e obra de arte, utilizada por Benjamin na avaliação de Hölderlin, e, por sua vez, a limitação da tarefa do artista em expressar a vida apenas de modo *mediado*, nos conduzem à defesa de que Benjamin, nesse período, sustenta que a vida, devido à sua infinitude, seria irredutível a formulações ou definições completas. A vida, nessa perspectiva, nunca teria expressão plena e *imediata*, necessitando sempre, desse modo, do recurso linguístico da *mediação das formas (die Gestalten)* ou das *figuras (die Bilder)*<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Ainda conforme Tagliacozzo (2003, p. 134), o conceito de tarefa absoluta, ou infinita, utilizado por Benjamin liga-se aos pensamentos dos neokantianos Hermann Cohen e Paul Natorp. Para ela, “o conceito de tarefa no conhecimento, como tarefa que não chega a uma solução definitiva e é, portanto, infinita, se articula, em Hermann Cohen e também em Paul Natorp, no sentido de fundação da experiência sobre o princípio físico-matemático e de individuação paralela de uma unidade da experiência como máxima para a pesquisa que não pode fundar-se sobre ela mesma como princípio da experiência, mas estranhamente tem de referir-se a um incondicionado. No primeiro sentido se fala, no *Fundamento lógico das ciências exatas* (1910) de Natorp, do ‘objeto como tarefa infinita’, e em Cohen, na *Lógica do conhecimento puro* (1902), do ‘pensamento como tarefa’, trabalhando através da separação (*Sonderung*) e unificação (*Vereinigung*), na direção da conservação (*Erhaltung*) do objeto do conhecimento por categoria, tarefa que não chega jamais à realização”.

<sup>26</sup> Cf. BERDET, M. Op. cit.

<sup>27</sup> Identificamos nos escritos de Benjamin diferentes usos das expressões alemãs *Gestalt* e *Bild* (e também de termos correlatos, como *Form* e *Figur*), e constatamos que esses termos provocaram uma série de dificuldades (e, mesmo, confusões) quanto à adequação de significados em português. Como auxílio ao nosso trabalho, nos valem de algumas notas de tradução da obra de Benjamin, realizadas por Susana Kampf Lages; uma nota dos *Cursos de Estética*, da obra de Hegel, realizada por Marco Aurélio Werle, com revisão de Márcio Selligmann-Silva; as traduções e a pesquisa de doutorado realizadas por André

para se fazer expressar. Tendo em vista essa constatação, no momento da avaliação dos poemas de Hölderlin, Benjamin estabelece uma espécie de princípio de avaliação para a crítica: a vida é tão somente *idêntica* (*identisch*) ao “poetificado” das expressões artísticas. Segundo ele, as formas e as figuras utilizadas pela arte seriam “semelhantes”, “análogas” ou “muito parecidas” com a vida e jamais poderiam ser a própria vida. Logo, ao perseguirmos a correlação de formas linguísticas presentes em um poema (como aqueles de Hölderlin analisados por Benjamin), acabamos por perseguir algo que apenas se *identifica* com a vida.

### As novas formas de vida na linguagem

Segundo Benjamin as formas criadas na linguagem e utilizadas pelo poeta no processo de expressão da vida, acabam se *vivificando* (*Belebung*), acabam ganhando uma espécie de “vida própria” em relação à vida “em geral”. Uma espécie de “nova forma de vida” (*Neugestaltlebens*) eleva-se da própria vida no interior dos versos. Uma forma de “vida poética” (*des dichterischen Lebens*) possuidora de um destino igualmente poético em que os “objetos aspiram à existência [...] e determinam o destino do poeta *no puro mundo das figuras*”<sup>28</sup>.

Benjamin enfatiza a diferença entre destino “natural” do poeta e destino do poeta configurado como destino poético. O destino “natural” do poeta é o mesmo destino de dissolução e morte igualmente “naturais” de qualquer ser vivo; já o destino do poeta, “no puro mundo das figuras”, reside na sua “fama” e na “grandeza” das formas utilizadas em sua obra. Ao tratar das temáticas do tempo, do destino, dos

---

Kees de Moraes Schouten (2012); e, também, um artigo de Rosana Suarez (2005). Nesses trabalhos, encontramos as seguintes definições para os termos: a) *Gestalt*: pode significar tanto “forma” quanto “figura”. Enquanto “forma”, *Gestalt* refere-se a algo efetivo e determinado, a exemplo de uma “forma” individual e artística de pintura particular, por sua vez, enquanto “figura”, *Gestalt* tem conotação estética mais precisa, sobretudo nas artes visuais, e, em vários momentos, é utilizada também para se referir a caracteres e personagens de um romance, poema ou peça teatral, e, ainda, designar elementos da geometria e da matemática, a exemplo da “figura” do triângulo. Podemos nos referir a *Gestalt* nos processos de “formação” (enquanto “dar forma”) e “configuração” nas discussões artísticas e psicológicas relativas à percepção de objetos como unidades destacadas e seus respectivos atributos; b) *Form*: tem significado de “forma” de cunho mais geral, universal e, mesmo, indeterminado. Toda a *Gestalt* (determinada) é uma *Form* (universal). A exemplo das “formas” (*Formen*) de arte (simbólica, clássica, romântica etc.) e sua relação com uma “forma” (*Gestalt*) de poesia particular. A noção de *Form* é encontrada tradicionalmente nos campos artísticos, em oposição à noção de conteúdo (*Inhalt*); c) *Bild*: designa a “imagem” em geral, mas também localizamos a tradução por “figura”, “contorno” e, mesmo ainda, igualmente como “forma”. *Bild* é associado a outros termos importantes na terminologia benjaminiana, como *Abbild* e *Nachbild* (“cópia” ou “reprodução”), *Urbild* (“original”, “arquetípico”, “protótipo”), *Vorbild* (“modelo”, “exemplo”) e, ainda, temos que o verbo *bilden* relaciona-se com o “plasmar”, o “configurar” ou o “dar forma”, no sentido de estabelecer “o limite”, “o contorno”, “a forma” de uma obra de arte. O conceito de *Bildung*, derivado de *Bild*, por sua vez, representa a “formação cultural”, a “educação”, a “*Paideia*” e, por esse motivo, tornou-se uma das principais noções da cultura alemã moderna; d) *Figur*: por sua raiz latina, é traduzido como “figura” e, na maioria dos casos, usado como sinônimo de *Gestalt* para se referir a “formas” ou “figuras” específicas, a exemplo dos personagens (*Figuren*) de uma peça de teatro.

<sup>28</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 34-39, passim.

deuses, dos viventes (*Lebendigen*) e da morte nos dois poemas de Hölderlin, Benjamin tece argumentos sobre essa radical diferença entre a vida do poeta (a vida em geral das pessoas) e a vida expressa pela linguagem do poema. Benjamin destaca que o destino “natural” do poeta, como o de todos os “viventes”, é de incomensurável configuração pela linguagem e, conseqüentemente, de dissolução e morte. Por outro lado, Benjamin trata inúmeras vezes da “configuração plástica” que o poema realiza em sua tentativa de expressar a condição de infinitude das relações vitais existentes. Destaca, para isso, o papel das “figuras” (*die Gestalten*) elaboradas pela linguagem do poeta para a apresentação da vida como “imagem” (*Bild*). Nesse processo sobressai a perspectiva, de origem romântica, de que os versos de um poema, o “nome” do artista e a criação artística em geral podem “continuar vivendo” para além da vida de seu momento original por meio de “formas infinitas de figuras”.

A mesma relação de identidade [entre os fenômenos e a figuração poética] que (...) conduz, em um sentido intensivo, à plasticidade temporal da figura (*Gestalt*), deve conduzir em um sentido extensivo a uma forma infinita de figura (*einer unendlichen Gestalt-form*).<sup>29</sup>

Assim, em “sentido extensivo”, o destino poético, o destino das obras, dependendo da grandeza de sua configuração plástica (da “qualidade” das formas criadas pelo artista), pode se tornar “idêntico ao que não tem figura” (*idem*). O destino poético se assemelha, desse modo, a uma “forma infinita” que, mesmo considerando a dissolução e a morte de muitas “figuras temporais”, perdurará no tempo e na história em condição correlata àquela de “imortalidade” costumeiramente atribuída aos deuses.

[A forma infinita de figura leva] a uma plasticidade encerrada por assim dizer num esquite, na qual a figura (*Gestalt*) se torna idêntica ao que não tem figura (*Gestaltlosen*). (...) A objetivação da figura (*Gestalt*) na ideia significa seu expandir cada vez mais ilimitado e infinito, a reunião das figuras (*Gestalten*) na figura (*Gestalt*) *per se* que se convertem os deuses.<sup>30</sup>

É fundamental, na avaliação de Benjamin, a relação entre as figuras da linguagem criadas pelo poeta e a condição de convergência destas em uma figura *per se* “eterna” como a imagem de imortalidade dos deuses. Essa correlação torna-se ainda mais pertinente, assinala o pensador, pois traz como índice a condição daquilo que restou “sem poder ser expresso”, de algo incomensurável e “sem figura” (*Gestaltlosen*).

<sup>29</sup> Ibidem, p. 40, com inserções nossas.

<sup>30</sup> Loc. cit., também com inserções nossas.

A pesquisadora Kátia Muricy (2009)<sup>31</sup> menciona que a noção de “sem figura” refere-se à categoria do *inexpressável* na estética de Benjamin. Essa categoria, argumenta a pesquisadora, quer confirmar a relação indissolúvel entre o sensível (os fenômenos, o conteúdo material) e o suprassensível (a ideia, o conteúdo de verdade) no âmbito da arte e da linguagem. Esse “inexpressável” é, por sua vez, o peculiar de certa condição dialética ou contraditória da linguagem<sup>32</sup>: ora a linguagem consegue transformar a vida em uma forma investida de significações e de história, ora esbarra no “sublime”, no “indizível”, no “sem figura”. A pesquisadora defende que, em Benjamin, a categoria do “sem figura” (desse ‘inexpressável’) questiona a concepção estética do belo como reconciliação *imediate* entre vida e sua (bela) aparência. Essa aparência consistira, ainda segundo a pesquisadora, na “vivificação ilusionista”<sup>33</sup> da vida.

No trabalho sobre a poesia de Hölderlin, Benjamin denomina essa “expansão das figuras” até o limite de suas capacidades de expressão, uma condição de “inacessibilidade de imagens” (*Unzugänglichkeit des Bildes*), como a “ótica oriental” da produção artística.<sup>34</sup> Essa ótica oriental decretaria a derrocada de uma perspectiva helenista e mesmo mítica sobre a vida, que tenta condicioná-la, ou mesmo determiná-la, de forma *imediate* como natureza. A perspectiva helenista orienta-se pela noção de morte como destino trágico da vida natural. Por seu turno, a “ótica oriental” enfatiza as formas que possibilitam o “continuar a viver” da vida. Desse modo, o “orientalismo” sustentado por Benjamin traz a noção de “vida infinita” a partir da significação plástica das figuras (igualmente infinitas) que a linguagem pode realizar. As “formas de vida” criadas na linguagem almejam também alcançar o “sem figura” e o “incomensurável”.

### Palavras finais: a (im)possibilidade de expressão da vida

Ao longo de sua crítica dos poemas de Hölderlin, no contexto de discussão sobre a oposição entre as óticas helenista e oriental da arte, Benjamin reflete sobre os aspectos do poema (que são ilimitados quanto às possibilidades de figuração) e sua

<sup>31</sup> Em seu livro *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin* (2009) e no ensaio intitulado “A alegoria e o inexpressável” presente no livro *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin* (2009), organizado por Solange Jobim e Souza e Sonia Kramer.

<sup>32</sup> O aspecto contraditório ou dialético da linguagem é o centro da pesquisa de Paulo Rudi Schneider em *A contradição da linguagem em Walter Benjamin* (2008). Defende Schneider (2008, p. 24) que para Benjamin a “linguagem é a expressão em locução ocorrente da essência e nunca a própria essência em si nela somente objetivada. A ideia é que a linguagem descreve o ser humano [e a vida] seja qual for o conteúdo a que se atém, havendo, portanto, uma ambiguidade fundamental nela mesma quando sempre exerce a capacidade de apresentação de si e dos conteúdos veiculados em seu querer dizer”.

<sup>33</sup> MURICY, Kátia. *Dialética do olhar*. Imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau, 2009, p. 97. Tal crítica também é discutida por Luciano Gatti na seção “A crítica da bela aparência” de seu livro *Constelações: crítica e verdade em Benjamin e Adorno* (São Paulo: Edições Loyola, 2009).

<sup>34</sup> BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 48.

relação com a compreensão de vida mais “elevada” (*erhaben*)<sup>35</sup>, sublime, ou mesmo “divina”, que a linguagem da poesia “não possui figuras” adequadas para poder expressar:

Será esta vida [a das criações espirituais do poeta] ainda uma vida do helenismo? Não o é da mesma forma como a vida de uma pura obra de arte em geral não pode ser a vida de um povo, nem a vida de um indivíduo, nem outra coisa senão essa vida própria que encontramos no “poetificado” do poema. Essa vida é construída segundo as formas do mito grego, mas – e esse é o elemento decisivo – não apenas por elas; precisamente o elemento grego encontra-se suprimido (...) por um outro que (...) denominamos de oriental. (...) todos esses elementos [do poema] *elevam-se* como ilimitados face ao fenômeno que repousa em si mesmo, *limitado por sua forma (Form)*.<sup>36</sup>

Segundo Kátia Muricy, Benjamin, nesse momento, contrapõe a estética do sublime em relação à estética do belo. Nessa perspectiva, a vida apresentaria aspectos elevados, ou mesmo sublimes, que a linguagem não conseguiria expressar. Para a pesquisadora: “contra uma estética da harmonia, Benjamin invoca o poder do inexpressável, que destrói a beleza íntegra da aparência, ou seja, quebra a ilusão de vida que a arte cria”<sup>37</sup>.

Por fim, a título de conclusão, pode-se afirmar que Benjamin se coloca em oposição a uma “ótica helenista”, que tenta caracterizar *imediatamente* a vida pela aparência bela do trágico (perspectiva mítica segundo ele), e sustenta uma “ótica oriental”, ligadas a formas ilimitadas que buscam configurar a vida. Algo que nos conduz, precisamente, ao interior do pensamento judaico. Para a pesquisadora Antonia Birnbaum<sup>38</sup> uma força messiânica judaica faz Benjamin constantemente desviar-se da tradição clássica que liga o pensamento ocidental aos gregos. Para ela, “Benjamin é indiferente à origem grega da filosofia”. A ótica grega acaba remetendo a vida ao mitológico, justamente ao almejar sua compreensão completa apenas por intermédio da forma racional-lógica da linguagem. Por sua vez, a ótica oriental-judaica passa a ser enaltecida por meio da compreensão do que a religião pode oferecer em relação aos limites de entendimento acerca da vida. Tal oposição entre religião e mito, assim como entre história e natureza, é uma das marcas do pensamento

<sup>35</sup> Destaca a tradutora Susana Kampff Lages (In: BENJAMIN, W. Op. cit., 2011, p. 47) que Benjamin joga com os termos em alemão *Erhebung* e *erhaben*, que foram traduzidos de modo literal por “elevação” e “elevado”. Os termos foram utilizados na Estética, a partir de Kant, com o sentido de “sublime” em oposição ao “belo” ou a “bela aparência”. Por sua vez, os termos também são utilizados no âmbito da religião com o sentido do “elevado”, do “sagrado”.

<sup>36</sup> Ibidem, com inserções nossas.

<sup>37</sup> MURICY, Kátia. A alegoria e o inexpressável. In: KRAMER, S.; JOBIM, S.; SOUZA, S. (orgs.). *Política, Educação, Cidade: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2009, p. 98.

<sup>38</sup> BIRNBAUM, Antonia. *Bonheur justice Walter Benjamin: le détour grec*. Paris: Payot, 2008, p. 9-10.

benjaminiano<sup>39</sup>. Esse princípio oriental-judaico sustenta que podemos obter da vida nada mais que “significação plástica” ou “configuração de formas” nos limites que a linguagem humana possa realizar. A vida, nessa ótica, se caracterizaria pela incomensurabilidade que corresponde à tarefa (infinita e religiosa) de sempre tentar comunicar aquilo que é, essencialmente, “sem figura” ou “sem expressão”.

## Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter

*Gesammelte Schriften*, v. II, parte I (*Metaphysisch-geschichtsphilosophische Studien*).

Org. de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhauser. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991.

*Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Org., apres. e notas J. M. Gagnebin e trad. S. K. Lages e E. Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

*O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. 3ª ed. Trad., introd. e notas M. Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

*Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. Trad. M. K. Bornebrusch, I. Aron e S. Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

ABADI, Florencia. Walter Benjamin y el proyecto (no realizado) de una tesis doctoral sobre el concepto de “tarea infinita” en la filosofía de la historia de Kant. *Diánoia*, México, v. 58, n. 70, p. 89-111, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-24502013000100004&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-24502013000100004&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2015.

BAIGORRIA, Miguel. Cripto-populismo: Benjamin, Hölderlin, y los “días de agosto”. *Exlibris*, Revista do Departamento de Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, ano 1, n. 1, p. 196-219, 2012. Disponível em: <<http://www.filo.uba.ar/contenidos/carreras/letras/exlibris/archivo/1/investigacion/investigacion1.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BERDET, Marc. *Walter Benjamin: la passion dialectique*. Paris: Armand Colin, 2014.

BIRNBAUM, Antonia. *Bonheur justice Walter Benjamin: le détour grec*. Paris: Payot, 2008.

CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Trad. A. Cabral e rev. téc. V. Rohden. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

---

<sup>39</sup> Aspecto que é defendido em vários estudos recentes sobre a obra de Benjamin. Cf. CHAVES, 2003; BIRNBAUM, 2008; LAVELLE, 2008 e GAGNEBIN, 2014.

- CHAVES, Ernani. *No limiar do moderno*. Um estudo sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Belém: Paka Tatu, 2003.
- FICHTE, Johann Gottlieb; SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. *Fichte e Schelling - Escritos filosóficos*. Trad. R. R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1973.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. 34, 2014.
- GATTI, Luciano. *Constelações: crítica e verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- HEGEL, Georg. *Cursos de estética*. Vol. 1. Trad. M. A. Werle e rev. téc. M. Seligmann-Silva. São Paulo: Edusp, 1999.
- KIERKEGAARD, Soren. *Estética y ética en la formación de la personalidad*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1955.
- KRAMER, S.; JOBIM, S.; SOUZA, S. (Orgs.). *Política, Educação, Cidade: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2009.
- LAVELLE, Patricia. *Religion et histoire: sur le concept d'expérience chez Walter Benjamin*. Paris: Cerf, 2008.
- MURICY, Kátia. *Dialética do olhar*. Imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Nau, 2009.
- NOVALIS. *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- SCHNEIDER, Paulo R. *A contradição da linguagem em Walter Benjamin*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.
- SCHOUTEN, André K. M. *Canteiro de obras: arquivos de antropologia*. Pesquisa de doutorado em antropologia social da Universidade de São Paulo (2012). Disponível em: <<http://arquivoswbdeantropologia.net.br>>. Acesso em: 20 set. 2015.
- SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de *Bildung* (Formação cultural). Revista *Kritérion*, Belo Horizonte, v. 46, n.º 112, p. 191-198, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-2X2005000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-2X2005000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- TAGLIACOZZO, Tamara. *Esperienza e compito infinito nella filosofia del primo Benjamin*. Roma: Quodlibet, 2003.

Recebido em 15.05.2018.

Aceito para publicação em 15.06.2018

© 2018 Márcio Jarek. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ([http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)).